SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.9771/ccrh.v39i0.70398

Mutações do progresso no projeto familiar periférico: entre a autoconstrução e o empreendedorismo popular

Henrique Costa

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

Submetido em: 2026-06-10
Postado em: 2026-06-16 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

Caderno CRH
Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia
ISSN 0103-4979 (versão impressa) ISSN 1983-8239 (versão on-line)

ARTIGO

Mutações do progresso no projeto familiar periférico: entre a autoconstrução e o empreendedorismo popular

Henrique Costa*

Resumo

O artigo analisa o surgimento do empreendedorismo popular nas periferias paulistanas como desdobramento histórico da autoconstrução e do projeto familiar de mobilidade social das décadas de 1970 e 1980. Com base em etnografia realizada entre 2017 e 2022 na zona sul de São Paulo, examina as trajetórias de cinco jovens empreendedores do ramo da alimentação em Paraisópolis, Parelheiros e Campo Limpo. O estudo mostra como o ideal da casa própria se converteu em capital simbólico e material para novas formas de empreendedorismo, articulando valores de autonomia, mérito e progresso. Conclui que o empreendedorismo popular ressignifica a ética do trabalho e da autoconstrução, mas também reproduz desigualdades e segmentações de classe no interior das periferias.

Palavras-chave: periferias urbanas; autoconstrução; empreendedorismo; classes sociais; etnografia

Mutations of progress in the peripheral family project: between autoconstruction and popular entrepreneurship

Abstract

The article analyses the emergence of popular entrepreneurship in the peripheries of São Paulo as a historical development of autoconstruction and the family project of social mobility in the 1970s and 1980s. Based on ethnographic research conducted between 2017 and 2022 in the southern zone of São Paulo, it examines the trajectories of five young entrepreneurs in the food industry in Paraisópolis, Parelheiros, and Campo Limpo. The study shows how the ideal of

* Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Rua Morgado de Mateus, 615, Vila Mariana, São Paulo – SP, Brasil. CEP 04015-051. hen.costa@gmail.com
http://orcid.org/0000-0003-1966-8388

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

home ownership has been converted into symbolic and material capital for new forms of entrepreneurship, articulating values of autonomy, merit, and progress. It concludes that popular entrepreneurship redefines the ethics of work and autoconstruction but also reproduces inequalities and class segmentation within the peripheries.

Keywords: urban peripheries; autoconstruction; entrepreneurship; social classes; ethnography

Mutaciones del progreso en el proyecto familiar periférico: entre la autoconstrucción y el emprendimiento popular

Resumen

El artículo analiza el surgimiento del emprendimiento popular en las periferias de São Paulo como una consecuencia histórica de la autoconstrucción y del proyecto familiar de movilidad social de las décadas de 1970 y 1980. Basándose en una etnografía realizada entre 2017 y 2022 en la zona sur de São Paulo, examina las trayectorias de cinco jóvenes emprendedores del sector alimentario en Paraisópolis, Parelheiros y Campo Limpo. El estudio muestra cómo el ideal de la vivienda propia se ha convertido en capital simbólico y material para nuevas formas de emprendimiento, articulando valores de autonomía, mérito y progreso. Concluye que el emprendimiento popular redefine la ética del trabajo y la autoconstrucción, pero también reproduce las desigualdades y segmentaciones de clase en el interior de las periferias.

Palabras clave: periferias urbanas; autoconstrucción; emprendimiento; clases sociales; etnografía

INTRODUÇÃO

Nos arranjos improvisados da periferia paulistana dos anos 1970 e 1980, tomava forma um mundo construído por esperanças e tijolos empilhados durante os fins de semana de mutirão. Expulsos do centro ou oriundos de regiões empobrecidas sobretudo do Nordeste em busca de um futuro menos incerto, milhares de trabalhadores ergueram suas casas em terrenos irregulares

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

e ruas de terra, guiados apenas pelo sonho da casa própria – refúgio de segurança, símbolo de conquista e promessa de um futuro melhor para os filhos. Sem financiamento ou ajuda governamental, eles usaram seu tempo livre e suas economias escassas para, pouco a pouco, concretizarem um projeto familiar de progresso e cidadania (Holston, 2013; Durham, 1988; Sader, 1988). Este artigo busca introduzir o surgimento do empreendedorismo popular como resultado imprevisto desse processo.

Nesses territórios, o empreendedorismo enfrenta obstáculos dados de antemão – insuficiência de capitais econômicos e sociais de indivíduos muitas vezes em situação de sofrimento. Por outro lado, a propriedade imobiliária – acompanhada de outros fenômenos, como o aumento da escolarização – abriu novas possibilidades para uma geração crescida em "um mundo já revirado" pela reestruturação do mundo operário (Telles, 2006; Guimarães, 2005; Sennett, 2012; Comaroff, Comaroff, 2000) e para famílias "em seu projeto de mobilidade de classe sustentado pela aposta no trabalho estável e em suas contrapartidas sociais" (Feltran, 2010, p. 585).

Como mostra a etnografia de Eugênia Motta (2014) no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, práticas econômicas em contextos populares frequentemente se organizam em torno da casa, entendida não apenas como espaço físico, mas como um arranjo social que articula parentesco, circulação de recursos, planejamento de longo prazo e moralidades econômicas. No modelo de autoconstrução, as casas na verdade nunca ficam prontas; como observa Teresa Caldeira (2017, p. 5), "os moradores são agentes da urbanização, e não simplesmente consumidores de espaços desenvolvidos e regulados por outros. Eles constroem suas casas e cidades passo a passo, de acordo com os recursos que conseguem reunir em cada momento", e assim materializam sua percepção de progresso.

Com base em um estudo etnográfico conduzido na zona sul de São Paulo entre 2017 e 2022, trago a experiência de cinco adultos jovens, três moradores de Paraisópolis, um de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

Parelheiros e um do Campo Limpo, imigrantes nordestinos ou filhos de imigrantes que acompanharam o esforço dos pais pela realização do sonho da casa própria. Os três primeiros tiveram oportunidade de estudo, mas atravessaram empregos precários; um deles fez graduação em Administração de Empresas com bolsa do Programa Universidade para Todos (Prouni). Hoje, eles são sócios em uma hamburgueria instalada no próprio bairro, valorizam as raízes e o impulso econômico recente, e exaltam o empreendedorismo, que veem como uma continuidade desse processo, assim como meu interlocutor de Parelheiros, que não tem um ponto fixo e circula pela cidade vendendo seus sanduíches e sua proposta de melhorar a qualidade da alimentação na periferia. Por fim, o quinto interlocutor, apesar de compartilhar do mesmo propósito, se ressente da experiência que lhe falta, de modo que seu êxito depende de fatores exóticos.

Este texto parte do entendimento de que o crescimento recente do empreendedorismo nas periferias paulistanas não pode ser compreendido apenas como resposta à precarização do trabalho (Costa, 2024b; Fontes, 2023; Cruz Junior, 2025). Argumento que muitas dessas iniciativas se apoiam em recursos materiais e simbólicos acumulados no ciclo anterior de formação das periferias, particularmente na autoconstrução da moradia e no projeto familiar de mobilidade social que ela representou.

O artigo está dividido em cinco seções, além da Introdução e das Considerações finais. Na primeira, exponho como a etnografia foi conduzida e detalho métodos e técnicas utilizados. Em seguida, descrevo a experiência dos sócios da hamburgueria de Paraisópolis, salientando também as contradições entre uma persistente economia moral e suas ambições de "reeducação" dos hábitos locais. Na seção seguinte, reforço esses argumentos com o relato de Vitor, dono de um *food truck* de hamburgueres de Parelheiros, e que roda pela periferia vendendo seus sanduíches artesanais. Na sequência, analiso o relato de um aspirante a empreendedor do mesmo ramo, mas que à falta de experiência profissional e projeto familiar,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

busca compensá-la com cursos e certificados. Por fim, faço uma síntese da análise e reservo algumas linhas finais para considerações.

ETNOGRAFIA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

A escala da zona sul de São Paulo desafia qualquer descrição fácil, assim como as desigualdades que a atravessam. Lar de 2 milhões de pessoas, o trajeto de ônibus do centro da cidade pode facilmente levar duas horas, muitas vezes mais. A recente extensão do metrô tornou certas viagens mais rápidas e confortáveis, mas ainda não chega a grande parte da periferia. Nesses casos, os trens operados pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) ampliam um pouco mais a mobilidade, mesmo assim ainda há um caminho considerável a percorrer até chegar ao extremo sul da cidade.

A região está geográfica e simbolicamente separada do resto da cidade pelos afluentes do rio Pinheiros. Da Cratera de Colônia, no extremo sul da cidade, ainda considerada rural e lar de reservas indígenas, ao município vizinho de Taboão da Serra, passando por Campo Limpo, Grajaú, Jardim Ângela e Paraisópolis, a cidade que nasceu e cresceu "depois da ponte" se apresenta como um mosaico denso. Em poucos quarteirões, uma favela pode ficar ao lado de um condomínio fechado; projetos sociais coexistem com lojas de alimentos orgânicos; saraus politizados inspirados na cultura hip hop acontecem ao lado de igrejas evangélicas. Esses espaços aparentemente dissonantes são conectados por vasos comunicantes que formam uma rede dispersa, mas interdependente, sustentando uma infinidade de empreendimentos.

Os dados sobre o número de empreendedores estavam entre os critérios que orientaram minha escolha da zona sul como local de pesquisa.[1] Eu já estava familiarizado com a região

[1] Em 2019, dos 660 mil microempresários individuais (MEI) formalizados na cidade, a região abrangida pela administração distrital de Campo Limpo concentrava 26.870, ficando atrás apenas da Sé, na região central, segundo

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

porque parte da etnografia realizada para minha pesquisa de mestrado ocorreu em torno do Largo Treze, uma área comercial popular onde ficava o campus de uma universidade privada frequentada por alguns dos meus interlocutores (Costa, 2018). O fator decisivo, porém, foi a vibrante cena cultural local. Ao lado da tradição do hip hop que produziu grupos e artistas como Racionais MC's e Sabotage, a região abriga saraus literários (como os da Cooperifa e do Binho) e uma série de equipamentos culturais públicos e privados inaugurados desde os anos 2000, incluindo Centros Educacionais Unificados (CEUs), Fábricas de Cultura e uma unidade do Sesc-SP.

Como nos lembra Williams (1989), a cultura é ordinária, abrangendo tanto os significados incorporados nos modos de vida cotidianos quanto aqueles transmitidos pela arte, pelo conhecimento e pela prática criativa. Meu objetivo era caracterizar estilos de vida por meio de descrições densas, com foco em representações e opiniões conforme elas emergem em realidades concretas, em vez de generalizações abstratas. Temas como família, trabalho e política aparecem aqui como experiências vividas reproduzidas na periferia de São Paulo. Paralelamente à observação participante, realizei 46 entrevistas: 40 com trabalhadores autônomos, pequenos comerciantes e empreendedores, e seis com interlocutores que esclareceram o contexto mais amplo do empreendedorismo popular. Em vários casos, foi dada atenção especial às histórias de vida. Outros interlocutores foram contatados usando o método bola de neve (Costa, 2024b).[2]

Embora os depoimentos se refiram à vida cotidiana, eles não são triviais; o que é articulado neles resulta de um processo de reflexão incomum em situações comuns. A vida

a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho. A criação da pessoa jurídica do MEI em 2009 representou um marco importante, permitindo que milhões de trabalhadores autônomos se declarassem microempresários e, assim, formalizassem seus negócios com redução da carga tributária e acesso a benefícios básicos da previdência social.

[2] A pesquisa seguiu as diretrizes de consentimento livre e esclarecido estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, tendo sua realização aprovada por ele. Todos os interlocutores tiveram seus nomes alterados. Devido à pandemia da Covid-19, alguns interlocutores (seis) solicitaram ser entrevistados por telefone.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

cotidiana, argumenta Caldeira (1984), é imediata e fragmentária, enquanto a entrevista convida à recomposição racional de experiências dispersas. Interpretar esses testemunhos requer, portanto, sensibilidade à ambiguidade e atenção aos contextos em que as declarações são produzidas. Isso fica particularmente evidente nos diversos usos do termo "empreendedorismo", que adquire significados distintos em contextos que vão desde pequenas lojas até eventos patrocinados por empresas.

De modo que segui o desafio de James C. Scott (1976, p. 5), para quem "começar com a necessidade de uma subsistência confiável como a meta primordial do camponês e, em seguida, examinar suas relações com os vizinhos, com as elites e com o Estado em termos de ajuda ou impedimento para atender a essa necessidade, é reformular muitas questões". Essa gramática cultural aparece não apenas como discurso, mas como imperativo para que os grupos sociais construam significados vividos em meio a processos de reestruturação e destradicionalização (Willis; Trondman, 2008; Beck, 2011).

HAMBURGUERIA DA QUEBRADA

O caminho do ônibus para Paraisópolis, a partir do Centro, é certamente uma das mais notáveis demonstrações de desigualdade possíveis de serem observadas na cidade de São Paulo. Costurando o bairro do Morumbi, o veículo atravessa as inevitáveis mansões e condomínios em estilo neoclássico, o Palácio dos Bandeirantes, hospitais e clínicas de alto padrão. O cenário só é momentaneamente interrompido pelo estádio do São Paulo Futebol Clube, de arquitetura modernista, e pelo seu entorno ocupado por vendedores ambulantes a comercializar de bebidas e refeições rápidas a, evidentemente, camisas de futebol, todas devidamente falsificadas. Mais alguns poucos quilômetros e se chega a uma das vias que separa o bairro de classe média-alta, desolado pela vida escassa nas suas calçadas estreitas, da avenida Hebe Camargo e da intensa

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

circulação nas ruas e vielas da segunda maior favela da cidade, lar de mais de 150 mil pessoas segundo projeções do Seade População,[3] e que já foi até tema de novela da Rede Globo no começo do fim do período lulista (Singer, 2012).

Na avenida que homenageia a falecida apresentadora do SBT, a profusão de pequenos comércios já passa o recado da "vocação" da favela, resultado de um loteamento fracassado dos anos 1920. As construções do estádio do Morumbi e do hospital Albert Einstein no bairro vizinho atrairiam muitos trabalhadores da construção civil a partir da década de 1950, cuja população cresceria ainda mais com a imigração nordestina nos anos seguintes. Esse crescimento vertiginoso nunca foi acompanhado pela infraestrutura necessária, crescendo na lógica da desordem, como observou Kowarick (1980).

Em Paraisópolis, há bancos e agências de microcrédito e algumas lojas de grande porte, equipamentos comunitários geralmente associados a ONGs e organizações sociais (OS), unidades básicas de saúde (UBS), um Centro Educacional Unificado (CEU) e uma Escola Técnica Estadual (ETEC). O miolo da favela é denso, a estreiteza de suas ruas é frequentemente opressiva, mas impera ali uma sensação de caos ordenado. O tijolo baiano predomina na paisagem de autoconstruções encadeadas lado a lado, com suas lajes erguidas de maneira a desafiar a engenharia: são três, às vezes quatro andares, muitos com algum comércio no térreo. Circular a pé envolve atenção redobrada, pois poucos metros de calçada ficam livres para os pedestres, o que os obriga a invadir a rua e ser alvo potencial de alguma motocicleta a costurar o trânsito engarrafado. Nas vias principais, a sequência de lojas de roupas, acessórios, eletrônicos, bolos, artigos religiosos, mercadinhos e bares é delirante, e na frente deles centenas de camelôs ocupam parte das ruas, vendendo CDs e DVDs, *pen drives*, cigarros, frutas, camisas de futebol. Sebos improvisados em algum lençol no chão exibem livros de autoajuda, informática, inglês e romances de gosto duvidoso. Diferentemente de outros importantes

[3] Disponível em: https://populacao.seade.gov.br/evolucao-populacional-msp/

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

endereços de comércio no Centro, como a Praça da República ou a rua Santa Ifigênia, aqui não há preocupação com o rapa.

Não muito evidente na paisagem, em uma rua lateral na parte de baixo da favela, se encontra o restaurante, um salão pequeno, mas bem arrumado com sua decoração de apelo urbano: paredes pintadas de preto com mensagens escritas à mão ("*I love bacon*", "*burger is life*", "sonhe alto", "viva a vida, seja intenso", entre outras) e bancos de couro sintético vermelho. Mas o destaque fica para o grafite em uma das paredes laterais, com o personagem Coringa segurando um cardápio e uma paisagem nova-iorquina estilizada ao fundo. Comer ali tem seu lado inusitado, já que o entorno em nada se parece com o interior do salão, a não ser pela televisão sintonizada no futebol que distrai Robson enquanto a conversa segue.

Tássio e Robson me receberam com muita gentileza, mas o contato inicial tinha sido com Ivan, o rapaz que administra as redes sociais da hamburgueria. Os três se conhecem desde a infância, mas Ivan entrou no negócio depois da repercussão do reality show em que os dois participaram, investindo na ampliação e ficando responsável pela parte administrativa, já que é formado em Administração em uma tradicional universidade católica da cidade. O Shark Tank Brasil é um programa de origem japonesa, com versões em vários países do mundo. O programa consiste no seguinte: cinco empresários e investidores reconhecidos no país formam uma banca de avaliação, em que são apresentados aos negócios idealizados por aspirantes de origens e situações sociais variadas. Chamados de "tubarões", a banca decide com base no modelo de *pitch* se a proposta é economicamente viável e fazem propostas de negócio se veem potencial, geralmente uma participação societária.[4] O candidato pode fazer contrapropostas, o que aumenta a sensação de tensão e expectativa de quem acompanha. A maioria, evidentemente, sai de mãos abanando, não sem ganhar pelo menos um conselho da banca. O despreparo do

[4] Para uma análise dos *pitches*, do papel das organizações intermediadoras e seus dispositivos na prescrição da ação econômica, ver Maia (2024).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

candidato é frequentemente punido com certo sadismo disfarçado de rigor.

Passar por uma humilhação e superá-la é, como se sabe, um sinal importante da construção de imagem do empreendedor de sucesso (Vianna, 2013). No Shark Tank Brasil, quando o aspirante a empreendedor já tem um negócio razoavelmente estabelecido e está procurando expandi-lo, o risco da humilhação pode compensar mesmo quando o *pitch* não vinga. Na temporada de 2020, o reality show focou em negócios de impacto social, especialmente de inspiração antirracistas, periféricos e de gênero, quando se arriscaram Robson e Tássio, cuja hamburgueria em Paraisópolis tinha apenas um ano de funcionamento, o suficiente para chamar a atenção da produção do programa. Animados, mas com dificuldade de disfarçar o nervosismo, os dois apresentaram rapidamente os hambúrgueres e sua proposta de expansão, inicialmente para mais duas unidades, para a qual pediam um investimento de 250 mil reais em troca de 20% da empresa. Falaram da "reeducação" alimentar que estavam promovendo e do "diferencial" que era seu *blend* de carnes, algo inédito na favela segundo eles. Além disso, prometiam que seria uma "ferramenta de inclusão social", usando as novas cozinhas para formar os chapeiros de seus próprios restaurantes.[5]

Os dois fundadores têm várias coisas em comum além da afinidade com a cozinha e da origem no Nordeste. Tássio tem 33 anos e mora desde 2001 na comunidade. Ele veio de Alagoas com os pais quando tinha por volta de seis anos e se instalaram em Carapicuíba, na Grande São Paulo. Robson também tem 33 anos e migrou ainda criança, no seu caso do Piauí direto para Paraisópolis, de onde nunca saiu. Ele se lembra bem de quando chegou à favela aos cinco anos com os irmãos, "na maior garoa, num ônibus sucateado", morando de favor até que sua mãe, depois de seis meses trabalhando como diarista, conseguiu comprar o barraco onde viveram até conseguirem construir a casa atual. "Então, [a casa] começou de madeira mesmo, meus pais

[5] Além do programa televisivo, trechos dos *pitches* são editados e publicados posteriormente nas plataformas online do programa, e os próprios candidatos os disponibilizam nas suas redes sociais. No caso da hamburgueria, um ano depois o vídeo da apresentação deles no Youtube contava com cerca de 500 mil visualizações

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

trabalhando, construindo aos poucos, construía um cômodo a gente ia pra esse cômodo, construía outro a gente ia pra outro cômodo". Tássio se lembra especialmente dos três dias de viagem e do espanto com o principal Terminal Rodoviário da cidade.

A iniciativa de abrir o restaurante, vista em retrospectiva, parecia predestinada na fala desses dois empreendedores. Ambos começaram no ramo alimentício mais ou menos com a mesma idade, por volta dos 17 anos. Saindo do ensino médio e sem perspectivas, Robson conseguiu um bico de auxiliar e aprendiz de garçom, foi subindo de cargo e trocando de restaurante. Tássio teria trajetória idêntica, se antes de seu primeiro emprego registrado não tivesse trabalhado desde os 10 anos como pedreiro, vendendo fruta na feira ou na frente da estação de trem. "Agora, emprego assim mesmo com uniforme e tudo foi no McDonald's", conta ele.

Eles falam com grande empolgação da quebrada em que vivem, animados pelo que veem como uma grande transformação econômica do local e que parece progredir continuamente, a despeito das crises econômicas e até da pandemia de Covid-19, quando a demanda cresceu vertiginosamente. Naquele período eles só funcionavam por *delivery*, aceitando pedidos por WhatsApp que eles mesmos entregavam – os aplicativos de entrega operam precariamente na favela. Em uma das ocasiões em que estive no restaurante, os três aguardavam a visita de uma arquiteta, que chegou e logo abriu seus projetos ocupando toda uma das mesas. Naquele momento, eles se preparavam para inaugurar uma nova loja, maior e localizada no entorno da rua Ernest Renan, uma das principais ruas de comércio do bairro.[6]

As opiniões da dupla de sócios sobre as mudanças no bairro nas duas décadas passadas vinculam o empreendedorismo, que veem como vocação local, com a ascensão de uma "classe média" que não aparece a partir das estatísticas. Essa identidade conecta hábitos incorporados pelos moradores e que ressignificam suas experiências. Para Robson, Paraisópolis se tornou

[6] O plano acabou vingando, e a hamburgueria fazia sucesso um ano depois com shows de *standup comedy*.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

recentemente um lugar de negócios. “Alguns moradores tiveram essa sagacidade no início e estão perpetuando até hoje os seus comércios, e a gente tá falando de mais de 100 mil pessoas, então é uma vasta amplitude de negócios só em Paraisópolis”. Tássio ainda sugere uma consequência direta da propriedade da casa para a explosão desses negócios, um novo capítulo da autoconstrução pela verticalização da favela. “Se não fosse tanta gente morar aqui não teria isso, seria do mesmo jeito que era antes, mais ou menos plano, cada um com sua casinha, sua lajezinha. Hoje não, hoje é casa com cinco, seis andares aqui dentro”.

Tássio e Robson elaboram a partir da sua sensibilidade da realidade local e de suas referências culturais um fenômeno também notado por pesquisadores, o tema da “nova classe média” brasileira que veio à tona pelo trabalho coordenado pelo economista Marcelo Côrtes Neri (2010). Em 2012, o segmento atingia 44,19% da população, um crescimento de 17% em seis anos.[7] Neri, que foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no governo Dilma Rousseff, buscava identificar a renda média da sociedade, mas seu ponto de vista seria extrapolado tanto pelo governo federal sob Rousseff quanto pela mídia.[8] Contudo, baseado na sua intuição sobre o potencial de consumo da população local, Robson declara que, em Paraisópolis, “mais de 60% já é classe média”. Para Tássio, são casos exitosos como o da sua hamburgueria que reforçam a legitimidade das iniciativas empreendedoras, em um círculo virtuoso de geração de empregos e novos empreendimentos dentro da favela.

Tássio e Robson não frequentaram a universidade, um tradicional símbolo de distinção social no Brasil. O conhecimento que empregam em suas hamburguerias foi absorvido todo na prática, que por sua vez eles adquiriram trabalhando em restaurantes da zona oeste. Assim, na

[7] A substância fundamental para o crescimento desse segmento foi a recuperação do mercado de trabalho, e a expansão do consumo no período seria, ainda, resultado do incremento de certas modalidades de crédito pessoal (Neri, 2010).

[8] Entre aqueles que se colocaram contrários à tese, André Singer (2012), Ruy Braga (2012), Marcio Pochmann (2012) e Jessé Souza (2010), ainda que com diferenças teóricas e metodológicas importantes, viram o que seria a mobilidade de um grupo que, por conta de suas características enquanto força de trabalho, permaneceria ainda assim parte da classe trabalhadora.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

hamburgueria é possível ter algo próximo a uma "experiência" de classe média, ajustada às condições sociais da favela. Os sócios reforçam que Paraisópolis pode prover tudo o que essa *nova* classe média necessita, e essa consideração apenas superficialmente se refere ao padrão de consumo. É em um renovado modo de vida que realmente miram com sua pretensão de "reeducar" os gostos da comunidade.

Eles estão bastante cientes de que vivemos em uma "ditadura da comparação" (Krastev, 2017), com as tecnologias da informação reduzindo simbolicamente as fronteiras nacionais e de classe, e viram nisso uma oportunidade que tem se mostrado certeira. "A gente falou 'cara, a gente não vai ter concorrência se a gente fizer um produto diferente', então nosso concorrente era a gente mesmo", comentou Robson. Ao se voltarem para a comunidade, eles conseguem driblar o maior obstáculo enfrentado por esses trabalhadores que podem até ter capital econômico, mas estão vulneráveis quando encaram o *habitus* da cidade global, reforçando contraditoriamente a lógica endógena que sempre vigorou nas comunidades periféricas (Appadurai, 1996). Na rua, o barulho incessante das motocicletas ensurdece, e quando a noite cai sobre Paraisópolis, a experiência de classe média é invadida pelo samba na rua, e os próprios donos se sentam na calçada com suas cervejas para uma partida de truco, enquanto a funcionária recém-contratada prepara os hambúrgueres e o motoboy faz as entregas nos limites da favela.

Contudo, é na ambição de crescer que se encontram também as contradições. Por mais que a experiência de Tássio e Robson no ramo da alimentação é que tenha efetivamente colocado o restaurante de pé, e que por seu brio os levou até o reality show, o salto para a frente parece se apoiar demasiadamente numa expertise que é, no fim das contas, teórica. Ivan, o parceiro tardio do empreendimento, chegou algum tempo depois de começada a entrevista, e a partir dali protagonizou a conversa. Boa-praça e dominando a linguagem da Administração, pareceu intimidar os outros dois, que passaram a economizar nas apreciações saturadas de saberes práticos que abundavam até então e passaram a fazer observações pontuais às falas do

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

jovem administrador. Ivan emite opiniões bem-informadas sobre a periferia, a economia e a política, propõe um roteiro organizado de defesa dos direitos humanos, sem esquecer de se posicionar em relação ao racismo, as desigualdades de gênero e ao preconceito que vê contra a comunidade. “Meu, os moleques têm, sempre falei, o produto, a marca, tudo, só que hoje eles estão muito focados no produto em si e não têm esse tempo e até mesmo a bagagem que eu tive. Trabalhei em banco cinco anos, então vi muito disso até de clientes mesmo, de pesquisas, de várias coisas, oportunidades que a gente tem de como transformar a hamburgueria”, diz. Enquanto a ênfase de Tássio e Robson se voltava para o empreendedorismo e para os potenciais da periferia, Ivan parecia menos interessado nisso.

Ele é nascido em São Paulo, filho de pais também nordestinos, e tinha 30 anos à época da entrevista. Além da sociedade na hamburgueria, trabalhava como prestador de serviços como analista de dados para a Via Varejo, empresa que controlava a rede Casas Bahia. “[Para] a gente ter essa visão de dados mesmo, porque com isso a gente consegue alavancar muita coisa assim, trazer muitos insights de negócio”, conta. Ele também morou a vida toda em Paraisópolis, mas tem menos apego à comunidade: diz que o que conseguiu foi “apesar de ser daqui” e admite que tem vontade de sair, “melhorar de vida mesmo, ter um conforto maior”. Sua experiência do outro lado da ponte, por sinal, é bastante diferente da de seus colegas, que apenas trabalharam lá em ocupações que inicialmente exigiam pouca qualificação. Já Ivan passou pela tradicional universidade instalada no bairro de classe média-alta de Perdizes e exerceu atividades de perfil não-manual.

É notável como os três exprimem, reunidos no mesmo salão e com o mesmo entorno que reconhecem tão bem, a conhecida separação entre concepção e execução presente desde a obra de Braverman (1980), em que suas posições no “processo produtivo” estabelecem hierarquias arbitrárias. Ivan fala com orgulho da formação universitária possibilitada pelo Prouni e, diferentemente dos jovens que acompanhei em minha pesquisa de mestrado, afirma ter tido uma

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

experiência proveitosa na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Lá fez muitos amigos, o que ele atribui ao fato de ter estudado no período matutino, quando os jovens geralmente não precisam conciliar estudo com trabalho. De certa forma, Ivan derrapa ao pregar que se todos tivessem essa "oportunidade" prosperariam como ele, o que definitivamente não foi o caso de Tássio, que também foi beneficiário do mesmo programa de bolsas de estudo no Colégio Porto Seguro.[9]

Um aspecto que se mantém intacto entre os três é a inevitabilidade do destino familiar. Tássio se emociona ao falar da mãe, a quem tem como grande exemplo de vida. São os pais que servem de inspiração, quase uma unanimidade entre meus interlocutores. "Se você entra em comunidade, a história sempre vai ser a mesma. Tem uma variação ou outra, mas sempre o pai e a mãe nordestinos que vieram pra cá, batalharam e fizeram de tudo pra educar. É muito forte, porque a gente viu tudo o que aconteceu", conta Ivan, recebendo o consentimento dos demais. Tássio tem uma filha de seis anos, Robson tem um filho de sete e vê nele o espelho do que foi: "agora a gente entende nossos pais, né? Não é fácil, não é fácil mesmo, agora a gente dá mais valor do que nunca para os pais". Admitem que a rotina do trabalho na hamburgueria, que envolve também a logística diária de compras de insumos, pois os fornecedores não costumam fazer entregas em Paraisópolis, prejudica a convivência em família, e caçoam do fato de terem escolhido montar o próprio restaurante para ter mais tempo para os filhos, e no final das contas, serem tão sugados como antes – até 15 horas de jornada nos dias mais movimentados.

De modo que, mesmo com todos os obstáculos que apontam em começar um negócio na favela, eles estão se saindo muito bem, e creem que alguns sacrifícios são necessários nesse momento de estabilização. O que não os impede de se queixarem das desigualdades: Ivan dá o

[9] O Colégio Visconde de Porto Seguro, fundado há 144 anos como uma escola alemã, tem desde 1966 um programa de bolsas de estudo. Atualmente, cerca de 1600 alunos de baixa renda recebem bolsas de estudo integral divididas entre educação básica e educação para jovens e adultos, a maioria oriundos dos bairros de Paraisópolis e Vila Andrade.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

exemplo do Itaú, banco em que trabalhou e diz ter orgulho pela "gestão social" implementada lá com políticas de "empoderamento", mas não poupa a instituição, que ao mesmo tempo impõe condições aviltantes para a concessão de crédito para micro e pequenas empresas. (O governo, especificamente em relação ao seu papel de implementar políticas públicas, mal entra na conversa). Com o mesmo ceticismo Ivan se expressa sobre a novela *I love Paraisópolis* e o "legado" que fará a comunidade ser lembrada em reprises futuras. O que fez da novela um caso notável foi a exaltação da ascensão da "nova classe média" ali localizada e seu caráter empreendedor, ansiosa pelas oportunidades que o crescimento econômico dos anos anteriores havia trazido (Mendes, 2017).[10] Para Ivan, "você fez sua propaganda, ficou bonitinho pra mídia, e você não fez nada por aqui de verdade. Então, é por isso que eu falo, como que muda isso?"

O propósito não muito velado da novela, assim como do reality show e de toda uma indústria cultural contemporânea, é incentivar o microempreendedorismo ressignificando a experiência popular, banindo saberes e práticas tradicionais 'reeducando' seus sujeitos e com isso criando distinções sociais. Quando perguntados sobre a participação no Shark Tank, os olhos de Robson e Tássio brilham ao descreverem a ansiedade dos parentes e amigos nos dias que antecederam e a situação "surreal" de estar entre empresários que fizeram "coisas magníficas", aonde eles querem chegar. Então, o que fez a novela pela comunidade?, perguntou retoricamente Ivan com o mesmo desdém que manifestou pelo reality show alguns minutos depois, quando a conversa já tinha mudado de direção. Foi o próprio Robson, que de lado ouvia o discurso do amigo enquanto dividia a atenção com o futebol na TV, quem desembaraçou a contradição, concordando e ao mesmo tempo – involuntariamente? – o corrigindo:

"A gente tá fazendo bem mais, né?".

[10] A novela foi um dos maiores sucessos televisivos da década, com uma média de 24 pontos no Ibope, o que equivale a mais de 1,6 milhão de domicílios apenas na Grande São Paulo (Botto, 2015).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

LEVANDO A PALAVRA

Distante dali em outra quebrada da zona sul, Vitor estacionou uma Kombi repleta de hambúrgueres e cervejas artesanais em uma praça fria do Grajaú, onde acontecia uma feira de empreendedorismo social em meados de 2019. Há quatro anos esse roqueiro de 30 toca o *food truck* que originalmente servia como um brechó de discos de vinil; mas ele também tem um ponto fixo em Parelheiros, onde viveu a vida toda e lá ajudava o pai, que trabalhava em uma padaria. Vitor brinca que se achava "meio vagabundo", porque na padaria "só comia, então não conta". Só teve emprego formal aos 18 anos.

A hamburgueria não foi sua primeira tentativa de ter um negócio próprio. Antes ele labutou por um ano e meio com uma pizzaria que não segurou as contas, e por volta de 2012 acabou conhecendo o ascendente ramo de comida de rua, moda em São Paulo no começo da década. Foi cozinheiro do *food truck* de um amigo e da lanchonete do chef Henrique Fogaça, um dos jurados do reality show *Masterchef* e conhecido seu da época dos circuitos de punk rock.

Vitor também já teve uma banda, mas hoje se dedica a testar receitas e contornar dificuldades com credores, mantendo o som ligado praticamente o tempo todo. Sua hamburgueria ainda não tinha tido o mesmo sucesso do empreendimento de seus colegas de Paraisópolis, mas ele parecia satisfeito com a carga pesada de trabalho, já que o padrão de consumo ali havia aumentado nos últimos anos e eles tinham o único hambúrguer artesanal do bairro. Com seu irmão, que trabalha como assistente financeiro em um hospital infantil no Centro, eles ainda circulam pela cidade em eventos como o do Grajaú. Mas eles olham para a periferia com grande apego, e acreditam que seus moradores não devem ter que sair de lá para conseguir uma comida de qualidade, dezenas de quilômetros ao norte.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

> A ideia [...] agora é trazer coisas que a gente só encontrava em lugares mais elitizados como Vila Madalena, Pinheiros, que é cerveja artesanal, hambúrguer e tudo mais pra periferia, pra que a gente não precise se deslocar duas horas até o Centro pra voltar, sabe? E sempre com o preço acessível porque a gente mora na periferia e a gente sempre tem que trazer uma coisa diferente pra periferia pra dar acesso pra todo mundo.
>
> *E como foi trazer essa proposta da zona oeste para a periferia?*
>
> Pra começar difícil, porque normalmente, não sei por que, a questão geográfica conta muito, os caras pagam um aluguel muito mais caro, vendem a cerveja muito mais caro, sabe uma coisa vai puxando a outra? A gente conseguiu trazer cervejas artesanais, inclusive a nossa que a gente fabrica com um preço menor porque a gente mora em um lugar mais afastado, aluguel menor, tudo mais, uma coisa puxando a outra. Então, nesse intuito a gente consegue vender a mesma coisa que eles vendem lá no Centro aqui na periferia com valor menor, aquela coisa de valores caindo, caindo, sai do Centro vai baixando e é nessa que a gente tá. A gente consegue vender uma coisa de qualidade boa, alta por um preço justo.
>
> (Vitor, 30 anos, Parelheiros, comerciante)

A experiência de Vitor, apesar de atuar no mesmo ramo e com o mesmo gênero alimentício, tem uma diferença importante em relação a dos sócios de Paraisópolis. Diferentemente deles, que estabeleceram seu restaurante, se tornaram uma referência no bairro e de lá expandiram seu negócio – inclusive buscando investimento em um reality show –, Vitor e seu irmão circulam com seu *food truck* pela cidade, participando de feiras de empreendedorismo e eventos culturais. Ele fala com orgulho de sua proposta de levar alimentos com mais sofisticados para as quebradas; além de trazer alguma remuneração, ele demonstra uma ambição de levar esses novos hábitos de consumo para regiões supostamente desprovidas dos produtos que ele considera "de qualidade". Com diferentes estratégias, os quatro empreendedores se colocam uma responsabilidade semelhante.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

EMPREENDER: TEORIA E PRÁTICA

Morando há cerca de 20 anos no Campo Limpo, o paulistano Maicon, de 35 anos, acompanhou as transformações que ocorreram ali diante da multiplicação da oferta de serviços e do aumento do poder de consumo local. Ele é técnico de informática e havia sido desligado quando a faculdade onde trabalhava foi vendida. Em 2019, decidiu fazer das memórias afetivas de família um ativo de empreendedorismo, agregando o conhecimento técnico. “Mas pra mim foi muito legal, porque dentro do TI [Tecnologia da Informação] foi que eu consegui arrumar muito conhecimento pra poder colocar uma energia também no uso do Instagram, uso do Facebook. Porque assim, eu tomava conta da parte de redes sociais da empresa, né?”, comenta sobre a oportunidade que se abriu com sua demissão. Desde então, Maicon busca se inserir na emergente cena gastronômica da periferia, e enquanto não tem capital para abrir seu próprio negócio, anima nas horas vagas suas redes sociais visitando os restaurantes da quebrada e postando suas impressões. Sua atividade de influenciador digital vinha dando seus primeiros passos, e sua estratégia era dar visibilidade para esses empreendimentos que, segundo ele, eram tão bons quanto aqueles que ficam do outro lado da ponte. “Vinte anos atrás era aquilo, né? Você não tinha muita coisa aqui. Por exemplo, aqui na avenida não tinha um restaurante, hoje já tem três. A gastronomia teve uma evolução aqui no bairro”, conta, mencionando casos de empreendedores que buscaram “conhecimento” para abrir o próprio negócio.

Em 2020, Maicon, com um MBA em Gestão de Tecnologia da Informação na Universidade Anhanguera, se alistou para o curso de empreendedorismo do Projeto Rede[11] voltado para gastronomia – fez todo online por conta da pandemia. Além da preparação para o *pitch*, ele mantém a procura por cursos e certificados que, segundo ele, podem lhe trazer ainda

[11] O nome da instituição foi alterado.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

mais conhecimento. “Eu fiz três certificações de hambúrguer, vi os vídeos, tem uma outra que eu comprei que nem terminei ainda. Foi um hobby que tá quase se transformando em um ganha-pão”, diz, ainda que mantenha os bicos de TI, que é o que de fato paga o financiamento do apartamento que comprou com a esposa depois que saiu da casa dos pais. Ele não demonstra abatimento por estar desempregado, e exalta novamente sua busca incessante por conhecimento: no Rede, ele aprendeu sobre sustentabilidade e utilização de plantas não convencionais (PANCS).

As passagens da vida de Maicon que ele mais gosta de salientar contêm uma visão romântica da gastronomia, “na parte emocional”. Gosta de contar que, com seus seis ou sete anos, ajudava a bisavó mineira na cozinha, que seus pais cozinham muito bem, que sua irmã é muito boa nos doces e que as melhores lembranças de família envolviam conversa e comida. Ele pinta em cores muito vivas sua história, que combina com seu objetivo de ter um restaurante de “cozinha afetiva”, conceito da moda na gastronomia paulistana que busca “trazer de volta sensações nostálgicas através do paladar”, isto é, transforma pratos populares muito conhecidos nas casas brasileiras em ativos valorizados e com apelo *gourmet* (Öberg, 2018). De modo que, apesar das memórias familiares justificarem sua afinidade com a gastronomia, é um dos expoentes famosos da cozinha afetiva que lhe serve de inspiração: o chef celebridade Alex Atala, dono de restaurantes concorridos no grã-fino Jardins. “Cara sensacional, ele é um empreendedor muito bom”, elogia Maicon. “Tem umas aulas que ele dá de gastronomia no Youtube, e até universidade em que ele dá umas palestras. Sempre gosto de assistir porque ele é muito inovador e parece ser um chef muito bom, uma pessoa muito boa”.

De fato, Maicon tem pouca experiência no ramo gastronômico. Nem todos os interlocutores que destaquei na seção anterior tiveram muita atividade em seus ramos de negócio, mas eles estão focados na demanda que observam, fazem pouco discurso e evitam ao máximo o risco, avaliando um passo por vez. Maicon confia muito nas histórias que tem para

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

contar, o que por ora lhe é adequado para constituir uma audiência para suas plataformas virtuais. Também investe muito em certificados, mas tem um instante de insegurança ao lamentar que não tenha tido uma formação presencial no curso do Rede, o que poderia compensar um pouco o lado prático que ele o sente faltar.

"Inovação. Todas as ideias que a gente tem nunca são descartadas, a gente tem que pegar, anotar essa ideia e, tipo, sempre inovando, fazer uma coisa nova", se empolga Maicon, sonhando em criar um "prato revolucionário". Sonho, aliás, é o que o faz preterir no discurso os benefícios da carteira assinada pelo negócio próprio. Sintomaticamente, para começar a erguer seu restaurante, ele não segue as receitas "afetivas" que constam em algum caderninho da bisavó, mas que preenche a narrativa que criou para si mesmo. Prefere partir da mimetização de heróis impressos na ideologia do capitalismo ético como Atala, uma miragem que embaralha vida real e fantasia e uma armadilha da cultura do narcisismo que Christopher Lasch (1991) examinou.[12]

A ECONOMIA MORAL DA QUEBRADA

A história recente das periferias urbanas pode ser compreendida a partir da articulação entre dois processos que se consolidaram simultaneamente ao longo das últimas cinco décadas. De um lado, a urbanização progressiva desses territórios, acompanhada da ampliação de serviços públicos e de melhorias na infraestrutura urbana; de outro, a consolidação da propriedade da casa autoconstruída, posteriormente regularizada e valorizada. Para aqueles que sacrificaram tempo, dinheiro e bem-estar em nome da realização da segurança e da coesão da família, a casa própria foi um símbolo do progresso alcançado e que permitiu aos seus filhos

[12] Segundo o autor, o culto das relações pessoais, como insiste a racionalidade gerencial contemporânea, oculta assim um total desencanto com as relações pessoais em si, e se torna cada vez mais intenso à medida que a esperança de soluções políticas recua. São patologias que, para Sennett (2012), estão vinculadas ao trabalho.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

estender os estudos e adiar o ingresso na população economicamente ativa (Guimarães, 2005).

Esse progresso, contudo, não deve ser entendido apenas como um processo linear de desenvolvimento material. Como argumentam Krøijer, Kolling e Sen (2020), as experiências sociais frequentemente se organizam em torno de ritmos desiguais, nos quais promessas de modernização coexistem com frustrações, ruínas e recomposições. Nas periferias paulistanas, a autoconstrução da casa própria materializou uma promessa de progresso para a geração anterior e estabeleceu as bases materiais e simbólicas para novos projetos familiares de mobilidade social. A expansão recente do empreendedorismo popular inscreve-se nesse mesmo horizonte histórico, reconfigurando, entre as gerações mais jovens, as expectativas de progresso que haviam orientado o projeto familiar da casa própria.

Esse projeto familiar de ascensão social se formou em meio às condições específicas de urbanização que marcaram a expansão das periferias paulistanas na segunda metade do século XX. Na base da formação da periferia, o princípio da acumulação (extração de lucro) chocava-se com o da especulação (extração da renda da terra), produzindo uma ocupação caótica, sem planejamento urbano, marcada pela força dos interesses econômicos privados (Kowarick, 1980; Bonduki, 1992). Em São Paulo, particularmente nas décadas de 1960 e 1970, esse processo se intensificou com a industrialização acelerada, acompanhado por intensos fluxos migratórios internos e pelo crescimento da população trabalhadora, que, à margem das políticas habitacionais oficiais, consolidou suas moradias por meio da autoconstrução (Holston, 2013).

Com o passar dos anos, a regularização dos loteamentos e a incorporação das periferias à malha urbana formal trouxeram melhorias significativas, como acesso a serviços públicos e infraestrutura básica, mas também desencadearam efeitos colaterais importantes. A valorização dos imóveis e a pressão do mercado formal, agora financeirizado, sobre áreas antes marginalizadas passaram a produzir novas inseguranças entre as classes populares, ameaçando vínculos comunitários e acirrando desigualdades internas (Caldeira, 2000; Guerreiro, 2024).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

Para aqueles que conseguiram se fixar, a propriedade da casa representou a realização de um projeto familiar profundamente almejado. Eder Sader, entre outros autores, argumentava que os sacrifícios assumidos por esses trabalhadores em nome da casa própria estavam relacionados tanto a "razões instrumentais" – evitar o aluguel e constituir uma reserva de valor – quanto à expressão de valores culturais profundamente arraigados, como a segurança da família e a possibilidade de organizar autonomamente o espaço doméstico (Sader, 1988; Bonduki, 1992).

O momento subsequente, contudo, foi atravessado por dinâmicas do mercado de trabalho não previstas por esses sujeitos. O crescimento insuficiente da economia e da criação de empregos "de qualidade", na esteira da reestruturação produtiva, impôs obstáculos crescentes aos jovens dos anos 2000, que viram frustrados seus projetos de mobilidade social por meio do trabalho (Telles, 2006; Tomizaki, 2006; Cardoso, 2019). Esse diagnóstico encontra ressonância em interpretações recentes sobre as transformações do trabalho nas periferias paulistanas. Em sua pesquisa sobre trajetórias de trabalhadores no Jardim São Luís, também na zona sul de São Paulo, Giavarotti (2022) argumenta que a crise do emprego industrial e a precarização das trajetórias ocupacionais produziram um deslocamento profundo nas expectativas de integração social pelo trabalho. De acordo com o autor, o horizonte de modernização que orientou a geração anterior – estruturado em torno do emprego estável, da ascensão gradual e da conquista da casa própria – teria entrado em colapso nas últimas décadas, deixando os jovens diante de um cenário marcado pela instabilidade ocupacional e pela fragmentação das trajetórias de trabalho.

Embora esse diagnóstico seja fundamental para compreender o esgotamento das promessas de mobilidade associadas ao trabalho assalariado, ele não esgota as formas pelas quais os jovens periféricos têm buscado reconstruir projetos de ascensão social. Como procuro argumentar neste artigo, parte dessas iniciativas se reorganiza em torno do empreendedorismo

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

popular, frequentemente apoiado em recursos materiais e simbólicos acumulados no ciclo anterior de autoconstrução da moradia. Nesse sentido, mais do que simplesmente substituir o trabalho assalariado, o empreendedorismo aparece como um desdobramento das estratégias familiares de reprodução social construídas ao longo da formação das periferias.

Nesse sentido, a difusão do empreendedorismo popular pode ser interpretada como expressão local de um imaginário econômico mais amplo que, como sugerem Jean e John Comaroff (2000, p. 308), acompanha a expansão do capitalismo contemporâneo e suas promessas de mobilidade individual, ocupando "fronteiras inovadoras e inexploradas onde o global se encontra com o local". Diante desse cenário, uma parcela dos jovens periféricos passou a manifestar crescente desconfiança em relação ao mercado de trabalho (Costa, 2019). Ao lado do aumento da escolarização e do acesso ao ensino superior, a percepção de precariedade passou a se combinar com a indisposição desses indivíduos em se submeter a empregos mal remunerados e sem perspectivas de progressão. É nessas brechas que os discursos associados ao par empreendedorismo/empregabilidade encontram ressonância, estimulando o desejo de autonomia e favorecendo a difusão de iniciativas empreendedoras nos territórios populares (Machado da Silva, 2018; Thieme, 2018; Araújo, 2017).

O resultado dessas escolhas individuais e familiares está intimamente imbricado com o contexto histórico descrito acima. A propriedade da casa, que outrora representou uma série de renúncias pessoais e familiares, hoje permite que os filhos usufruam desse patrimônio para estudar, adiar a entrada no mercado de trabalho e, eventualmente, empreender.

É nesse contexto que o empreendedorismo passa a adquirir novos significados na experiência popular. Certos elementos dessa experiência, enraizados em uma ética individualista da reprodução social, compõem a base insubmissa do Brasil popular, no qual o "espaço de experiência" (Koselleck, 2006) – formado pela sedimentação de trajetórias marcadas pela fuga da miséria e por violências perpetradas pelo Estado – permanece como

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

referência constante para trabalhadores frequentemente situados nas margens do trabalho assalariado. Contra ou a favor desse progresso, o empreendedorismo emerge como uma estrutura de sentimentos disseminada, enquanto o êxito do empreendimento assume contornos de uma utopia contemporânea (Costa, 2024b).

Para além de uma resposta instrumental à escassez de empregos formais, ele se articula a valores morais e expectativas de mobilidade social construídos ao longo da formação das periferias; práticas econômicas cotidianas nas favelas são inseparáveis de relações de cuidado, parentesco e obrigações morais (Motta, 2014). Como argumenta Jens Beckert (2013), projetos econômicos frequentemente se apoiam em narrativas sobre futuros possíveis, que permitem aos indivíduos conectar incertezas presentes a horizontes de realização.

A maneira como essas iniciativas são ponderadas no interior dos territórios populares pode ser compreendida à luz da noção de economia moral proposta por E. P. Thompson (1998). Ao analisar os conflitos sociais na Inglaterra do século XVIII, Thompson mostrou que práticas econômicas são constantemente julgadas através de valores compartilhados sobre justiça, reciprocidade e legitimidade. Em contextos populares contemporâneos, esse tipo de avaliação moral também se manifesta na forma como trajetórias individuais de sucesso são percebidas e interpretadas pelos vizinhos e pela comunidade (Costa, 2024b; 2025).

O que vemos em Paraisópolis e na experiência de Vitor é, por sua vez, um consentimento com esses princípios, quando a economia moral converge com a modernização proposta pelos seus próprios empreendedores. Diferentemente de outros casos analisados nesta pesquisa, em que instâncias intermediadoras, sobretudo organizações sociais (OS) e igrejas evangélicas, deliberadamente transmitem um ideário empreendedor na perspectiva de inserir o jovem periférico no capitalismo globalizado (Motta, Pires, 2024; Sposito; Corrochano, 2005), os quatro empreendedores revestem de legitimidade a ousadia, dando continuidade ao projeto familiar de mobilidade social, iniciado com a imigração para São Paulo. A economia moral

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

aparece assim na empatia de seus vizinhos, que veem no seu êxito um símbolo do progresso que chega à periferia.

Por sua vez, na intuição de Robson sobre o "legado" da novela, expõe-se a diferença entre um projeto inserido em contexto global das expectativas de racionalização dos territórios populares, e de uma construção orgânica com décadas de lastro social, na qual a autoconstrução é central. Diferentemente da novela, do reality show ou dos projetos sociais, quem promove o empreendedorismo de maneira eficiente e alinhada a economia moral periférica são sujeitos saturados na *vida sem salário*,[13] colocando em prática experiências adquiridas em trabalhos precoces e quase sempre precários (mesmo quando com carteira assinada), a prioridade para o progresso familiar e uma expectativa de mobilidade futura (Costa, 2024a; Canettieri, 2024).

Mais uma vez, é preciso atentar para as contradições: ao propor novos modos de consumo para a periferia, propondo "reeducar" o gosto de seus vizinhos, meus cinco interlocutores tentam injetar no *habitus* local gradações de qualidade comuns na classe média tradicional e não acessíveis a todos. Eles se valeram da "inclusão pelo consumo" dos anos lulistas (Pinheiro-Machado; Scalco, 2018) para estimular diferenciações entre seus moradores que, como creem, já seriam majoritariamente de classe média, avaliação que se alinha às suas expectativas empreendedoras. Evidentemente, eles também respondem a uma demanda por produtos mais elaborados por parte da "nova classe média" local, e este cálculo se mostra essencial para o êxito do negócio.

Vitor, Tássio e Robson não passaram pela universidade, um tradicional símbolo de distinção social no Brasil. O conhecimento que empregam na hamburgueria foi absorvido todo na prática, que por sua vez eles adquiriram trabalhando em restaurantes da próspera zona oeste. Como demonstrou Appadurai (1996), a circulação pela cidade de características globais, que

[13] Em meus trabalhos, tenho definido a "vida sem salário" como um modo de vida que não se limita à falta de contrato formal, marcado pela instabilidade econômica, pela alternância entre empregos eventualmente precários e pela presença constante de redes familiares

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

expõe brutalmente suas desigualdades, cria condições novas de socialização, mas também de comparação. Assim, na hamburgueria é possível ter algo próximo a uma "experiência de classe média", ajustada às condições sociais da favela. Tássio e Robson reforçam frequentemente que Paraisópolis pode prover tudo o que essa classe média necessita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou interpretar alguns casos de empreendedorismo popular como resultado de uma economia moral própria das periferias e da experiência da autoconstrução. Através de etnografia conduzida na zona sul de São Paulo, me concentrei em experiências segmentadas e sem relação entre si, mas em ramos semelhantes de atuação. Os três sócios de Paraisópolis e o empreendedor de Parelheiros tiveram a oportunidade de crescer em casas próprias autoconstruídas por seus pais, o que a despeito da precariedade que marca esse processo, constituem-se em um projeto familiar de progresso, que chega a termo com o empreendedorismo dos filhos. Além disso, diferentemente de imposições externas de racionalização pelo empreendedorismo ou de ideologias espalhadas pela indústria cultural, estes projetos vindos de baixo legitimam o empreendedorismo em seus territórios.

É notável que quatro dos cinco empreendedores expressem uma convicção no empreendedorismo que está lastreada na experiência da autoconstrução e, que assim se encaixa em uma narrativa de progresso contínuo. Sobretudo no caso da hamburgueria de Paraisópolis, sua disposição e confiança inabaláveis recebem ainda o reforço de expertise do sócio graduado em Administração de Empresas e do investimento nas redes sociais, levando seu exemplo para além dos limites da favela e contribuindo para a utopia empreendedora que preenche as expectativas de pessoas como Maicon.

Os casos analisados sugerem que o empreendedorismo popular nas periferias urbanas não

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

emerge apenas como resposta à precarização contemporânea do trabalho. Ele se apoia também em recursos acumulados ao longo do processo de formação desses territórios, particularmente na autoconstrução da moradia e no projeto familiar de mobilidade social que ela representou. Nesse sentido, o empreendedorismo pode ser compreendido como um desdobramento intergeracional das estratégias de reprodução social construídas pela geração anterior.

Recebido para publicação em 06/10/2025.
Aceito para publicação em 18/03/2026.
Editor Chefe: Renato Francisquini Teixeira

DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Os dados serão disponibilizados sob demanda dos(as) avaliadores(as).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

Henrique B. Costa - Conceitualização; Curadoria de dados; Aquisição de financiamento; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Escrita - esboço original; Escrita - revisão e edição

CONFLITO DE INTERESSE

Os(as) autores(as) declaram que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Modernity at large: Cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARAÚJO, Marcella. Notas etnográficas sobre o empreendedorismo em favelas cariocas. Etnográfica, v. 21, n. 5, 2017.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco. São Paulo: Editora 34, 2011.

BECKERT, Jens. Imagined futures: fictional expectations in the economy. Theory and Society, n. 42, 2013.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

BOTTO, Camila. I Love Paraisópolis chega ao fim com recorde de audiência no horário. Correio, 1 nov. 2015. Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/i-love-paraisopolis-chega-ao-fim-com-recorde-de-audiencia-no-horario/. Acesso em: 13 out. 2021.

BRAGA, Ruy. A política do precariado. São Paulo: Boitempo, 2012.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CALDEIRA, Teresa P. R. A política dos outros: cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CALDEIRA, Teresa P. R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.

CALDEIRA, Teresa P. R. Peripheral urbanization: Autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south. Environment and Planning D: Society and Space, v. 35, n. 1, 2017.

CANETTIERI, Thiago. Periferias, reprodução social crítica e urbanização sem salário. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2024.

CARDOSO, Adalberto. A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. 2. ed. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Millennial capitalism: First thoughts on a Second Coming. Public Culture, v. 12, n. 2, 2000.

COSTA, Henrique. Entre o lulismo e o ceticismo: um estudo com bolsistas do Prouni de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2018.

COSTA, Henrique. Estudantes do Prouni na crise do lulismo. Plural, v. 26, n. 1, 2019.

COSTA, Henrique. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 87, 2024a.

COSTA, Henrique. In the remains of progress: Utopia and suffering in Brazilian popular entrepreneurship. Leiden: Brill, 2024b.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

COSTA, Henrique. O sol brilha para todos: empreendedorismo popular como identidade periférica. Tempo Social, v. 37, n. 1, 2025.

CRUZ JUNIOR, Brauner. Tempos e espaços de um negócio familiar: ganhando a vida sem trabalhar para os outros. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. In: KOWARICK, Lúcio (org.). As lutas sociais e a cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FELTRAN, Gabriel. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. Revista de Antropologia, v. 53, n. 2, 2010.

FONTES, Leonardo. Between Dreams and Survival: The (Dis)embeddedness of Neoliberalism among Entrepreneurial Workers from São Paulo's Peripheries. International Journal of Urban and Regional Research 0 (0): 1–19, 2023.

GIAVAROTTI, Daniel M. A autoconstrução periférica: da superexploração à crise do trabalho. In: BOECHAT, Cássio (org.). Os sentidos da modernização: ensaios críticos sobre formação nacional e crise. Vitória: Edufes, 2022.

GUERREIRO, Isadora A. Produção Imobiliária Em Periferias De São Paulo: Ilegalismos Sob Lógica Rentista. Cadernos Metrópole, v. 26, n. 61, 2024.

GUIMARÃES, Nadya A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. (orgs). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

HOLSTON, James. Cidadania insurgente: Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

KRASTEV, Ivan. Majoritarian futures. In: GEISELBERGER, H. The great regression. Cambridge: Polity Press, 2017.

KRØIJER, Stine; KOLLING, Marie; SEN, Atreyee. Ruins and Rhythms of Development and Life After Progress, Ethnos, 2020.

LASCH, Christopher. The culture of narcissism. New York: W. W. Norton, 1991.

MACEDO, Renata. “Agora quer ser rica?”: negociações cotidianas sobre classe e mobilidade social entre estudantes universitárias. Revista Antropolítica, n. 50, 2020.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). In: CAVALCANTI, Mariana; MOTTA, Eugênia; ARAUJO, Marcela (orgs.). O mundo popular: trabalho e condições de vida. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018.

MAIA, Marcel. Jovem firma procura investidor: como as aceleradoras promovem encontros e moldam startups. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

MENDES, Conrado M. A nova classe média em I Love Paraisópolis: efeitos de sentido do social. Galaxia, n. 36, set./dez. 2017, p. 125-145.

MOTTA, Eugênia. Houses and Economy in the Favela. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 11, n. 1, 2014.

MOTTA, Luana; PIRES, Aline. “Experiências juvenis de millennials e jovens vulneráveis: O discurso do protagonismo juvenil e seus efeitos desiguais.” *Sociologias,* v. 26, 2024, pp. 1–28.

NERI, Marcelo C. A nova classe média: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2010.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

ÖBERG, Bárbara. O segredo da ‘cozinha afetiva’: nostalgia e bom tino para negócios. Veja SP, 21 mai. 2018. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/blog/vida-boa/comida-afetiva/. Acesso em: 15 dez. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. Cadernos IHU Ideias, n. 278, v. 16, 2018.

POCHMANN, Márcio. Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, James C. The moral economy of the peasant. New Haven; London: Yale University Press, 1976.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SINGER, André. Os sentidos do lulismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Regina M. O discurso do protagonismo juvenil. São Paulo: Paulus, 2008.

SPOSITO, Marília; CORROCHANO, Maria Carla. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. Tempo Social, v. 17, n. 2, 2005.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. Tempo Social, v. 18, n. 1, 2006.

THIEME, Tatiana. The hustle economy: Informality, uncertainty and the geographies of getting by. Progress in Human Geography, v. 42, n. 4, 2018.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOMIZAKI, Kimi. A herança operária entre a fábrica e a escola. Tempo Social, v. 18, n. 1, 2006.

VIANNA, Silvia. Rituais de sofrimento. São Paulo: Boitempo, 2013.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: Resources of hope: culture, democracy,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16486

socialism. London, Verso, 1989.

WILLIS, Paul; TRONDMAN, Mats. Manifesto pela etnografia. Educação, Sociedade & Culturas, n. 27, 2008.

Henrique Costa

Pesquisador de pós-doutorado no International Postdoctoral Program do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (IPP/Cebrap), doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado no Departamento de Sociologia da USP. Foi pesquisador visitante no Centre of Latin American Studies (CLAS) da University of Cambridge e no Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) em Berlim. Principal publicação: In the remains of progress: utopia and suffering in Brazilian Popular Entrepreneurship (Brill, 2024).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.